

## Editorial

A revista Cadernos Acadêmicos: conexões literárias chega ao seu quarto número, organizado sob o dossiê “Literatura, religião e democracia”. A relação entre esses três campos pode não parecer tão intrínseca em um primeiro momento, afinal de contas, a partir da segunda metade do século XVIII, houve um esforço quase que coletivo, algumas vezes inconsciente, em considerar a religião como ingrediente descartável no debate político e insignificante ao fazer literário. Tal posicionamento possui raízes nas grandes revoluções, Francesa e Industrial, as quais formataram a concepção de que o mundo laico e tecnicista deveria estar na base de uma sociedade justa, igualitária e democrática. Nessa sociedade, a religião e tudo o que cheirava a incenso deveriam ser combatidos, já que o pensamento religioso, rotulado como ultrapassado, arcaico mesmo, necessitava ficar circunscrito ao ambiente da Igreja, tomado de beatos lunáticos desconectados da realidade externa. No atual cenário, seja no debate político, seja nos estudos acadêmicos, pensar ainda dessa maneira seria desconsiderar um elemento extremamente importante para se ter uma percepção mais clara da realidade que nos cerca. A religião nunca deixou de se fazer presente na política e, muito menos, na literatura. Considerar a intersecção entre cada um desses campos pode ser enriquecedor e revelar nuances antes camufladas por um discurso enviesado e caolho. Nesse sentido, o propósito deste número da Cadernos Acadêmicos foi reunir textos que lançassem luz sobre essa tríade, e a trouxesse à baila por meio de estudos formados por múltiplas tendências e abordagens. Embora nem sempre seja possível a copresença explícita destes três aspectos em um mesmo autor ou obra, a impressão é de que a religião, a literatura e a política estejam presentes orquestrando ideias e enredos.

No século XVII, Padre Antônio Vieira redigiu o “Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda” (1683). Nele, os três elementos imbricam-se na formação do todo, que seria impossível sem a presença de cada um deles. Ainda que o termo “literatura” seja estranho a esse período, é na tradição letrada que está calcado o discurso eclesiástico do jesuíta

I



português. Quando do proferimento do sermão, previamente preparado seguindo as mais rigorosas convenções retóricas, o púlpito tornava-se lugar privilegiado para condenar ou exaltar governantes, reis e outras autoridades políticas da época. Nesse sentido, no referido sermão, Vieira dialoga com Deus e o interpela para que fique ao lado dos portugueses na luta contra os holandeses protestantes, apresentados por ele como hereges, inimigos da fé católica. No mesmo século, algo semelhante será visto na poesia de Gregório de Matos e Guerra, cujos poemas satíricos são abundantes em críticas a autoridades suas contemporâneas. Exemplo disso é o seu “À despedida do mau governo que fez este governador”, em que o poeta ironiza o comportamento de um político: “Senhor Antão de Sousa de Meneses, / Quem sobe a alto lugar, que não merece, / Homem sobe, asno vai, burro parece, / Que o subir é desgraça muitas vezes”. Dois séculos depois, “Os Sertões” (1902), de Euclides da Cunha, é outro texto a se sustentar por meio da religião, da literatura e da política. Na obra, a figura de Antônio Conselheiro surge como síntese dessa tríade na medida em que é apresentado como líder messiânico-sebastianista e porta-voz de árduas críticas à República recentemente instaurada no Brasil.

“Esaú e Jacó” (1904), romance de Machado de Assis, por sua vez, também evidencia a tríplice relação. Para além da intertextualidade bíblica já presente no título, o conflito entre os dois irmãos pretende construir alegoricamente a transição do Império à República. A rivalidade entre os irmãos Pedro (conservador) e Paulo (liberal) representa um país separado por duas distintas ideologias. A obra machadiana, por sua vez, dialoga com “Dois irmãos” (2000), romance de Milton Hatoum, cujo enredo gira em torno da desavença entre os irmãos gêmeos Yaqub e Omar, em mais uma camada intertextual com o livro sagrado, recuperando também a história de Caim e Abel. Hatoum trata também da ditadura militar e descreve o declínio das cidades flutuantes de Manaus. A obra torna-se, pois, um caleidoscópio movido pela religião, pela política e pela literatura.

Na poesia, “Miserere” (2013), livro saído da pena de Adélia Prado, evoca já em seu título o aspecto religioso da misericórdia, do perdão. Numa série de poemas que recuperam cenas do



cotidiano, Adélia insere o divino: “Ao minuto de gozo do que chamamos Deus, / fazer silêncio ainda é ruído”, escreve a autora em uma das composições.

Seria proveitoso lembrar ainda uma cena de “Triste fim de Policarpo Quaresma” (1915), de Lima Barreto. O patriotismo, inclusive político, de Quaresma o fez idealizar a figura do marechal Floriano Peixoto, Presidente da República. Quando a personagem consegue, de fato, encontrar-se com o presidente, sua decepção torna-se visível por meio da descrição narrativa: “Era vulgar e desoladora [a aparência de Floriano]. O bigode caído; o lábio inferior pendente e mole a que se agarrava uma grande “mosca”; os traços flácidos e grosseiros; não havia nem o desenho do queixo ou olhar que fosse próprio, que revelasse algum dote superior. Era um olhar mortiço, redondo, pobre de expressões, a não ser de tristeza que não lhe era individual, mas nativa, de raça; e todo ele era gelatinoso, parecia não ter nervos”. Floriano não aparentava na realidade o porte físico atlético-militar do presidente idealizado por Policarpo; a verdade mostrava-se oposta aos seus mais sinceros sentimentos patrióticos, aspecto que constrói uma crítica cabal à República. Acusado de traição, a própria República, representada por Peixoto, se encarregará de dar um triste fim a Quaresma.

Por meio das obras aqui supracitadas (uma pequena amostra), nota-se que a relação entre política, religião e literatura não é um fenômeno isolado ou datado de nossa sociedade atual, fruto dos embates políticos acirrados decorrentes de nosso recente processo eleitoral, em que o discurso político-religioso deu o tom a grande parte dos debates. Ao contrário, essa temática se faz presente em cenas cotidianas do século XVII ao XXI, das quais a literatura, por meio de seus diversos gêneros textuais, serve de testemunho e repositório para que o presente não esqueça o passado. Assim, os textos deste número da “Cadernos Acadêmicos” surgem como mais um comprovativo da relação entre cada um destes três elementos e de quão profunda e proveitosa pode ser a análise deles no meio acadêmico.

Desejamos a todas e todos uma excelente e proveitosa leitura!

Jean Pierre Chauvin e Thiago Maerki (Editores)

III

